

DINÂMICA E PERSPECTIVAS DA CULTURA DE BERINGUEIRA NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE - SP

Robson Munhoz de Oliveira¹³

Rosângela Ap. de Medeiros Hespagnol¹⁴

Resumo: A pesquisa teve como objetivo central analisar a dinâmica e as perspectivas do cultivo da seringueira, avaliando as potencialidades e os limites de sua expansão na Região de Presidente Prudente. Para a consecução de tal objetivo, fez-se necessário, além de levantamento bibliográfico, a realização de pesquisas via *Internet*, coleta de dados de fonte primária e secundária. A pesquisa procurou apreender a dinâmica dessa atividade a partir da década de 1980, quando se vislumbrou como alternativa de renda aos agricultores da região, face aos problemas que estes vinham enfrentando com o cultivo das lavouras de algodão, feijão, amendoim, etc. Constatou-se que a heveicultura proporcionou alguns benefícios aos agricultores, embora tenha ampliado a subordinação destes aos interesses das indústrias processadoras, que subestimam o preço da borracha. Deve-se destacar ainda que a liberação das importações da matéria-prima a partir de 1997, repercutiu negativamente no setor. Não obstante essa conjuntura desfavorável, a desvalorização do Real e o bom desempenho político e econômico obtido pelo setor no ano de 2000, propiciaram a elevação do preço pago aos produtores, estimulando os heveicultores a continuarem explorando seus seringais. Para o ano de 2001, as perspectivas são de que os heveicultores da Região de Presidente Prudente continuem produzindo, embora com margem de lucro inferior a de 2000, já que vem ocorrendo no mercado internacional, a queda desenfreada no preço da borracha natural.

Palavras-chaves: heveicultura, produção familiar, subordinação da agricultura, Região de Presidente Prudente.

¹³ Aluno do Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente (SP). Bolsista IC – CNPq/PIBIC. E-mail: geounesp@hotmail.com.

¹⁴ Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, Câmpus de Presidente Prudente-SP. End. Rua Roberto Simonsen, 305. Centro Educacional. CEP: 19060-900, Caixa Postal: 467. Presidente Prudente (SP). TEL.: (0XX18) 229-5375. FAX: (0XX18) 221-8212.

E-mail: hespagnol@stetnet.com.br.

Abstract: The research had as central objective to analyze the dynamics and the perspectives of the cultivation of the rubber tree, evaluating the potentialities and limits of his/her expansion in the Area of Presidente Prudente. For the attainment of such an objective, it was done necessary, besides bibliographical rising, the accomplishment of researches through Internet, collects of data of primary and secondary source. The research tried to apprehend the dynamics of that activity starting from the decade of 1980, when it was glimpsed as alternative of income to the farmers of the area, face to the problems that these were facing with the cultivation of the cotton farmings, bean, peanut, etc. it was Verified that the heveicultura provided some benefits to the farmers, although it has enlarged the subordination of these to the interests of the industries processadoras, that underestimate the price of the eraser. He/she should stand out although, the liberation of the imports of the raw material starting from 1997, echoed negatively in the section. In spite of, that unfavorable conjuncture, the depreciation of the Real and the good political and economical acting obtained by the section in the year of 2000, propitiated the elevation of the price pay to the producers, stimulating the heveicultores continue exploring her/it their rubber plantations. For the year of 2001, the perspectives are that the heveicultores of the Area of Presidente Prudente continues producing, although with inferior markup the one of 2000, since it is happening at the international market, the wild fall in the price of the natural eraser.

Key-Words:- heveicultura, family production, subordination of the agriculture, Area of Presidente Prudente.

1. Introdução

O trabalho teve como objetivo precipuo analisar o desenvolvimento da cultura de seringueira na Região de Presidente Prudente. O interesse por essa temática deve-se às incertezas econômicas pelas quais o setor produtor de látex vem passando em virtude dos baixos preços pagos e a ineficácia da política governamental.

Para se apreender de forma mais consistente o avanço do processo de monopolização do campo pelo capital, tal como se verifica no segmento produtor de borracha, é de fundamental importância considerar como o espaço agrário brasileiro se insere no processo produtivo através da divisão territorial do trabalho. Isto posto, deve-se levar em conta a abertura da economia brasileira e conseqüentemente, a globalização da economia nacional com o predomínio do capital internacional. No caso

específico do setor de borracha, o oligopsônio formado pelas empresas Firestone, Goodyaer, Michelin e Pirelli.

Deve-se frisar ainda que, a grande dificuldade pela qual vem passando os heveicultores devido aos baixos preços praticados internacionalmente, tem afetado diretamente os preços internos. Assim, para a melhor compreensão dessa situação, cabe resgatar alguns dos fatos que nos ajudaram a entender a conjuntura mais recente no setor de borracha.

No ano de 1967, o governo federal promulgou o decreto-lei n.º 164, criando a Taxa de Organização e Regulamentação do Mercado da Borracha (TORMB), com a finalidade de igualar o preço do produto importado ao nacional. Porém, tal lei tornou-se "letra morta" a partir de outubro de 1997, depois de insistentes pressões dos fabricantes de pneus, os quais visavam reduzir a tarifa alfandegária e obter a concessão à importação da matéria-prima.

Como medida compensatória, o governo federal promulgou a Lei 9.479/97, a chamada Lei do Subsídio, que concedeu subvenção ao setor. Entretanto, essa Lei não tem beneficiado os produtores na mesma proporção que a Lei do Contingenciamento, tendo ainda como agravante o atraso no pagamento do subsídio, que não vem sendo efetuado com a assiduidade tal como prevê a lei.

Ademais, outro elemento que deve ser levado em consideração na presente análise, refere-se ao descompasso da agricultura com o ritmo de desenvolvimento que a indústria assumiu a partir da década de 1960, tanto em nível político como econômico, levando à reorganização do espaço agrário brasileiro. Essa reorganização na dinâmica do setor agrário se deu via intervenção estatal, o qual sobrepôs os interesses dos grupos socialmente dominantes, que se materializavam preponderantemente no grande capital monopolista associado aos grandes proprietários de terras, aos interesses dos grupos que se encontram na camada inferior da sociedade. Com isso, verificou-se uma nova dinamização da produção agrícola, com mudanças substanciais na base técnica produtiva, o que resultou na redefinição das relações entre agricultura e indústria (Silva, 1996).

Essa redefinição se expressa na nítida integração subordinada do setor agrícola ao padrão de acumulação industrial, por um lado, às indústrias de insumos, máquinas e implementos agrícolas e, por outro, às unidades processadoras de alimentos e matérias-primas, processo o qual, pode-se afirmar, o segmento produtor de látex não foge à regra.

Nesse contexto, fez-se necessário, além de levantamento bibliográfico, a realização de pesquisas via *Internet*, procedeu-se também à coleta, análise e sistematização de dados de fonte secundária junto às publicações da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP) e ao Levantamento Censitário de Unidade de Produção Agrícola do Estado de São Paulo - LUPA (1997). A pesquisa de campo envolveu a elaboração

e aplicação de roteiro de entrevistas junto a heveicultores da Região de Presidente Prudente, as quais foram realizadas no mês de março de 2001, nos municípios de Alfredo Marcondes, Álvares Machado, Indiana, Pirapózinho, Nantes e Santo Anastácio. De acordo com os dados do LUPA (1997)¹⁵ esse número de produtores representa 40% dos heveicultores da região.

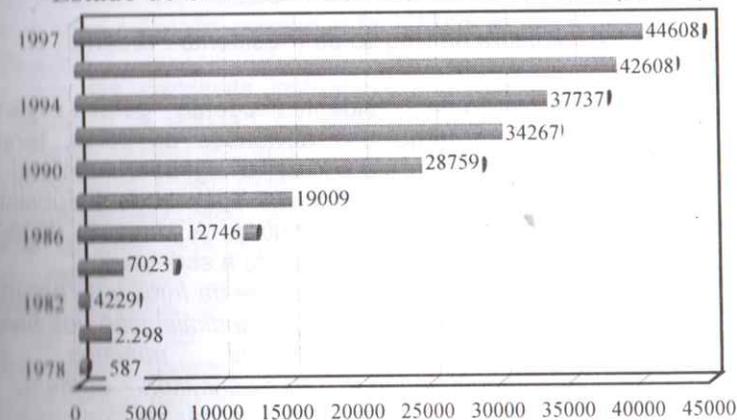
Também foram realizadas visitas as Casas da Agricultura de diversos municípios da região e ao Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Presidente Prudente, com o intuito de coletar dados e entrevistar técnicos responsáveis pelo fornecimento de assistência técnica aos heveicultores. Foram entrevistados quatro técnicos agrícolas, sendo que destes, três são especialistas no assunto abordado. O propósito das entrevistas com os técnicos era averiguar a concordância das informações e, principalmente, as perspectivas desses técnicos no que toca ao desenvolvimento do setor agropecuária na região.

Distante de exaurir o assunto, deseja-se contribuir para a discussão e a formulação de novas diretrizes para o setor de borracha natural na Região de Presidente Prudente, visto que praticamente inexistente trabalho abordando a temática da heveicultura na referida área.

2 - O Desenvolvimento da Heveicultura no Estado de São Paulo

A expansão da heveicultura no Estado de São Paulo ocorreu de forma expressiva após a primeira crise do petróleo (1973), quando houve significativa elevação dos preços desse produto e, conseqüentemente, dos seus derivados. Nesse contexto, a borracha sintética derivada do petróleo, que até aquele momento substituíra a borracha natural como matéria-prima industrial, teve também seu preço elevado, aumentando os custos de produção das indústrias do setor automobilístico. Dessa forma, a matéria-prima natural acabou por tornar-se viável economicamente e, com isso, teve seu consumo e, por conseguinte, seus preços elevados, estimulando o seu cultivo, sobretudo entre os agricultores paulistas. A evolução da área cultivada com seringueira no Estado de São Paulo pode ser visualizada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Evolução da Cultura de Seringueira no Estado de São Paulo no Período de 1978/97(em ha)



Fonte: Cortez, 1999

É interessante notar, conforme observa Cortez (1999), que o pólo heveícola do Estado de São Paulo é formado basicamente por três núcleos, que se encontram situados no Planalto Ocidental:

O primeiro núcleo é formado por São José do Rio Preto, General Salgado, Votuporanga, Fernandópolis e Jales com 9.450 milhões de pés abarcando uma área cultivada de 16.124 ha, o que representa 40% da área cultivada no Estado de São Paulo;

O núcleo constituído por Barretos, Catanduva, Araçatuba, Lins e Andradina é o segundo com a área mais expressiva do estado, abarcando 12.352 ha, somando um total de 5.981 milhões de pés, participando assim, com 30% da área total do estado;

O terceiro núcleo em termos de importância inclui Marília, Tupã, Dracena e Presidente Prudente, o qual é composto por uma área de 8.280 ha, totalizando 3.622 milhões de pés, participando com 20% do total estadual.

É importante ressaltar que em virtude da disseminação ocorrida no Estado de São Paulo a partir da década de 1980, especialmente na sua porção oeste e, principalmente, devido à instabilidade que vivencia o setor na atual conjuntura, que se procurou explicitar como tal fato se manifesta na Região de Presidente Prudente.

Algumas considerações que julgamos imprescindíveis tecer no presente artigo, além da distribuição espacial da cultura de seringueira, referem-se à grande dificuldade pela qual vem passando os heveicultores,

¹⁵ Observou-se que os dados do LUPA (1997) não contabilizavam no município de Alfredo Marcondes e Álvares Machado a quantidade de unidades produtivas com seringais e a área destinada a essa cultura. Contudo, neste trabalho consideramos esses municípios.

pois os baixos preços praticados internacionalmente, afetam diretamente os preços no mercado interno.

3. Diagnóstico da Heveicultura na Região de Presidente Prudente

A economia da Região de Presidente Prudente¹⁶ esteve organizada até a década de 1950, em torno das atividades agrícolas, tendo se destacado entre os cultivos comerciais o café, o algodão, o amendoim, a menta, o milho, a mamona etc., além daqueles destinados à subsistência como o arroz, a mandioca, o feijão, entre outros. A partir da década de 1950, a agricultura regional entrou em crise devido à acentuada

queda da fertilidade natural dos solos com a conseqüente diminuição dos níveis de produtividade; preços mínimos pouco compensadores ao agricultor; aumento das pragas, exigindo maiores gastos com defensivos agrícolas, entre outros. (Hespanhol, 1991, p. 83)

Com a conjuntura desfavorável à agricultura na região, somada a ampliação dos mercados consumidores, devido ao grande crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, os dois maiores centros consumidores do país, desencadeia-se a partir da década de 1950, a expansão da pecuária de corte e a instalação de modernos frigoríficos na região. Além desses fatores, os maiores lucros proporcionados pela pecuária, os incentivos oferecidos pelo governo, os menores gastos com a mão-de-obra também contribuíram significativamente para que ocorresse a retração das atividades agrícolas nesta região.

Deve-se frisar ainda, que associado a este fator, estavam os constantes problemas que os agricultores enfrentavam com as culturas do algodão, amendoim, feijão, etc.

A partir da década de 1980, a opção que se vislumbrou como alternativa viável aos pequenos agricultores da Região de Presidente Prudente, notadamente possibilitada pelo seu preço elevado, foi a cultura de seringueira, apresentando rentabilidade promissora em virtude da crescente demanda por parte das indústrias automobilísticas. Assim, foi inserida nesse contexto, que a heveicultura passou a fazer parte do cenário agrícola da região.

¹⁶ No presente trabalho, a regionalização adotada compreende os Escritórios de Desenvolvimento Rural de Presidente Prudente e Presidente Venceslau, os quais abarcam os seguintes municípios: Alfredo Marcondes, Álvares Machado, Anhumas, Caiabu, Emilianópolis, Estrela do Norte, Iepe, Indiana, João Ramalho, Martinópolis, Nantes, Narendiba, Pirapozinho, Presidente Bernardes, Presidente Prudente, Rancheira, Regente Feijó, Sandovalina, Santo Expedito, Taciba, Tarabai, Caiuá, Euclides da Cunha Paulista, Marabá Paulista, Mirante do Paranapanema, Piquerobi, Presidente Epitácio, Presidente Venceslau, Rosana, Santo Anastácio, Teodoro Sampaio e Ribeirão dos Índios.

A participação da região em termos de área cultivada no Estado de São Paulo é pouco expressiva. Segundo os dados do LUPA (1997), existiam em 1995/96 40.608,0 ha no estado, ao passo que na região, a área cultivada corresponde a 1.028,8 (ha) representado, portanto, apenas 2,5%.¹⁷

Os principais instrumentos utilizados pelo governo estadual para estimular a adoção da cultura na região foram a realização de excursões as regiões produtoras; palestras promovidas pelos Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDR), à época DIRA (Divisão Regional Agrícola) e a propaganda veiculada por diversos meios de comunicação. Deve-se destacar também, que os técnicos que fizeram a divulgação da cultura na região, ressaltavam como principais pontos positivos da cultura, os seguintes aspectos: a) custo de manutenção do seringal relativamente baixo; b) obtenção de renda mensal, diferentemente das lavouras temporárias que proporcionavam renda duas vezes ao ano; e, c) demanda de menor tempo para os tratos culturais, podendo assim ser explorada pela própria mão-de-obra da família, ao mesmo tempo em que o agricultor poderia desenvolver atividades paralelas para obtenção de renda enquanto a seringueira não estivesse em fase de produção¹⁸.

Dessa forma, durante a realização do trabalho de campo, constatou-se que os benefícios apontados pelos técnicos em relação a heveicultura foram confirmados, pois os agricultores entrevistados consideram o custo do seringal e o tempo que deve ser despendido aos seus tratos, baixo em relação às outras atividades, excetuando a pecuária de corte extensiva. Pois, embora esta demande pouco tempo e capital para a sua manutenção, em contrapartida ela proporciona renda muito inferior a heveicultura¹⁹. Outros aspectos ressaltados pelos agricultores referem-se aos seguintes fatos: a) o trabalho no seringal não ser um trabalho insalubre, sujo, pesado ou perigoso, e ser realizado na sombra; b) não demandar preparo anual do solo e, portanto, preservá-lo, até mesmo reduzindo a erosão em áreas já pauperizadas; c) ser menos sujeito as intempéries; e, e) o látex poder ser estocado com facilidade, por não ser perecível.

¹⁷ Todavia, não se pode perder de vista que, apenas o pólo heveícola de São José do Rio Preto, o qual nos reportamos anteriormente, representa cerca de 90% da área total ocupada com a cultura de seringueira no Estado de São Paulo, o qual por sua vez é o mais expressivo do país, responsável por mais de 50% da produção. Tal pólo destaca-se também em nível mundial na produção de borracha natural.

¹⁸ Nunca é demais salientar, que a expansão dessa atividade no Estado de São Paulo, bem como na região estudada, não esteve relacionada aos Programas de Incentivo a Produção de Borracha Natural - PROBOR I, II e III - criados pelo governo federal nos anos de 1972, 1977 e 1985. De fato, a expansão da atividade na região em apreço e, à implementação dessas políticas, foram motivadas pela elevação do preço do petróleo no mercado internacional a partir do ano de 1973 e, posteriormente, em 1979.

¹⁹ Os agricultores mais meticolosos chegaram a essa conclusão após estimarem a receita obtida com ambas as atividades, convencendo-se assim de que a troca de atividade foi um bom negócio.

Não obstante os diversos benefícios apontados pelos produtores, em relação à cultura de seringueira, acredita-se que a disseminação dessa cultura não tenha se verificado de forma mais expressiva na região em virtude, principalmente, do longo prazo de retorno, isto é, de sete anos, quando recebem os tratos culturais adequados. O seringal torna-se auto-sustentável geralmente um ano após ter entrado em produção²⁰. Embora a seringueira apresentasse algumas vantagens em relação às culturas tradicionais da região, a incerteza em investir em uma cultura de retorno à longo prazo foi um elemento que influenciou o agricultor na tomada de decisão no momento de destinar a área que seria implantada a cultura.

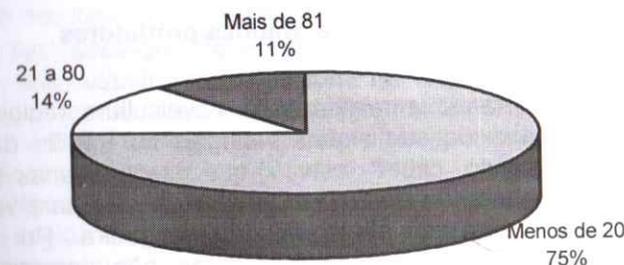
Os pequenos produtores entrevistados afirmaram não destinarem áreas maiores para o cultivo de seringueira, porque à época (década de 1980), necessitavam dessas áreas para o cultivo de outras lavouras, comumente as temporárias (amendoim, feijão, milho, algodão, arroz, etc.) para a subsistência da família, bem como para a comercialização. Contudo, deve-se enfatizar que atualmente os agricultores entrevistados vêm abandonando esses cultivos em virtude do baixo preço que atingem no mercado, não raro causando-lhes prejuízos.

Fato comum entre os entrevistados é a substituição das lavouras tradicionalmente cultivadas, por outras atividades consideradas alternativas, como: fruticultura, olericultura, avicultura e até mesmo a pecuária de corte, que embora considerada menos rentável, propicia liquidez mais rápida, não necessita de altos investimentos, está menos sujeita às oscilações do mercado e demanda menos mão-de-obra, visto que a maioria dos filhos desses agricultores encontram-se residindo na área urbana.

De acordo com o LUPA (1997) e com os dados levantados na pesquisa de campo, constatou-se que 75% ou 28 heveicultores possuem área de até 20 ha ocupada com o seringal, 14% ou 5 possuem área de 21 a 80 ha e 11% ou 4 possuem área superior a 81 ha ocupados com a referida cultura. Estes dados comprovam que a parcela majoritária dos agricultores destinou áreas bastante reduzidas para a cultura de seringueira (Gráfico 2).

²⁰Deve-se salientar ainda, que além da heveicultura demorar para apresentar o retorno do capital investido, ela só entra em plena produção quando a árvore atinge cerca de 11 anos. Comumente a produtividade por pé aumenta continuamente até o décimo terceiro ano de produção, a partir daí a produtividade se estabiliza até os 30 anos, idade a partir da qual as árvores começa a reduzir a produção, não sendo mais viável para o proprietário, continuar explorando o seringal, especialmente para aquele que adotaram a parceria ou a contratação de trabalho assalariado.

Gráfico 2: Número de heveicultores por estrato de área (ha)



Fonte: Lupa (1997) e Trabalho de Campo (Março de 2001)

3.1 Ausência de Políticas de Desenvolvimento Setorial e a Importância Sócio-Econômica

É importante frisar, que nenhum dos agricultores entrevistados se beneficiou do crédito disponível para a implantação do seringal, seja por parte do poder público local, estadual ou federal para a implantação do seringal. A única linha especial de crédito existente na época era o PROBOR III – Programa de Incentivo a Produção de Borracha Natural - instituído em 1982²¹. Todavia, alguns dos agricultores entrevistados, afirmaram que sequer foram informados da existência desse programa. Assim sendo, a inexistência de uma linha especial de crédito para a heveicultura foi mais um dos fatores que impossibilitou a expansão dessa cultura na região, visto que seu custo inicial é extremamente elevado para quase a totalidade dos pequenos agricultores.

No tocante ao aspecto sócio-econômico, a importância da heveicultura para a Região de Presidente Prudente, vem no sentido da geração de empregos e alternativa econômica principalmente para os agricultores familiares, em que parte da plantação de *hévea* substituiu a pecuária de corte extensiva, que como é sabido, é uma atividade econômica, marcada por uma reduzida produtividade e baixa geração de postos de trabalho e renda, já que demanda baixa quantidade de mão-de-

²¹ Os PROBORs (I, II e III implementados em 1972, 1977 e 1982, respectivamente) foram projetos levados a cabo pelo governo federal com intuito de expandir a cultura de seringueira no país e assim suprir 100% da demanda interna. Todavia, este objetivo não foi cumprido, já que atualmente apenas 30% da demanda nacional é atendida pela produção interna.

obra, ao mesmo tempo em que proporciona menor renda que a heveicultura²².

3.2. Duas Realidades: pequenos e grandes produtores

Considerando a realidade da heveicultura regional, optou-se por analisar as condições de alguns seringais na Região de Presidente Prudente. Assim sendo, caber destacar que nas pequenas propriedades agrícolas da região, não foi realizada a análise de solo para verificar se as condições eram favoráveis à cultura de seringueira. Por esta razão, encontram-se atualmente seringais em áreas não apropriadas para o cultivo, que acabou por reduzir ainda mais a área ocupada com a seringueira nas pequenas propriedades resultando em prejuízos e, em alguns casos, desalento em explorar o seringal, mesmo já estando em idade produtiva. Verificou-se ainda, que existem produtores que por terem escolhido para o plantio, área inapropriada, nem mesmo explora o seringal em função da sua baixa produtividade.

Entre os pequenos produtores, outros aspectos problemáticos referem-se à grande quantidade de árvores que se desenvolvem mal e, portanto, atingem produtividade muito baixa, além da presença de árvores ociosas no meio do seringal. Isso corroborando a afirmação de que os seringais da região não receberam durante os seus primeiros anos os devidos tratos culturais. As principais causas apontadas pelos técnicos e agricultores pelo não desenvolvimento pleno do seringal estão relacionadas também com a quebra ou o retorcimento de muitas árvores e a não substituição dessas mudas no processo de formação do seringal. Deve-se frisar ainda, que a escolha de áreas não apropriadas para o plantio, também é causa de baixa produtividade.

Outra realidade foi verificada no seringal do município de Indiana, que possui 60 mil pés e atualmente, é o maior em volume de produção na região. Em avaliação realizada pelos técnicos da Casa da Agricultura, esse seringal apresentou um bom desenvolvimento, pois as plantas estavam em condições de submeter-se à sangria dentro da faixa etária prevista, isto é, com sete anos de idade, e sua produtividade, de 1300 kl/borracha seca/ha/ano está dentro dos padrões dos bons seringais brasileiros e, inclusive, acima da média paulista, que é de 1200kg/bc/ha/ano.

²² Essa característica da pecuária regional é devido, segundo o relatório realizado por técnicos do EDR de Presidente Prudente em novembro de 1997, ao baixo emprego de tecnologia moderna, haja visto que apenas uma parcela pequena de produtores fazem uso dela, sendo assim a quantidade de cabeça por hectare é bastante baixa, cerca de 1,2 U. A./ha. e ainda o abate dos animais é feito em idade elevada (três a quatro anos), o que se deve a pequena adoção de suplementos durante o período de seca. A adoção de suplementos tem aumentado, no entanto ainda é uma porcentagem muito pequena de produtores que a utilizam. Da mesma forma, a inseminação artificial, o uso de seleção direcionada e cruzamentos racionais são adotados por um número muito pequeno de pecuaristas.

Neste ano, o referido seringal está completando dez anos de exploração e a produção já atingiu o objetivo do produtor, pois a lucratividade com a produção de borracha natural está sendo superior à obtida com a pecuária, atividade que deu lugar a heveicultura.

Tal sucesso deve ser atribuído, segundo os técnicos consultados, aos cuidados tomados com o seringal durante todo o período de implantação, como a substituição das mudas decadentes, capinas e adubação periódicas, entre outros tratos culturais, o que foi realizado com o devido acompanhamento técnico (Oliveira, 1999).

No outro extremo, as pequenas propriedades que produzem borracha na região em apreço, comumente não obtêm o mesmo sucesso que teve o proprietário do seringal de Indiana. Isso se explica, entre outros fatores, pela ausência de tratos culturais adequados e periódicos, tendo como resultado o fato dos pequenos seringais atingirem condições para produzirem somente a partir do oitavo ano.

Apesar dos pequenos produtores terem sido bastante estimulados pela propaganda do governo estadual eles não receberam a devida assistência técnica, pois nas Casas de Agricultura dos municípios da região, inexistem técnicos com conhecimento necessário para dar assistência técnica aos produtores, ficando esses relegados e, portanto, seus seringais fadados a terem baixa produtividade, como se observou no trabalho de campo.

Atualmente, a assistência técnica recebida pelos agricultores é fornecida pelo Eng^o Agrônomo do EDR de Presidente Prudente e, sobretudo, pelos técnicos da própria usina que se dispõem a comprar a produção, a qual está situada no município de Cedral (Região de São José de Rio Preto). As informações relativas à melhor forma de utilização dos insumos (estimulante químico, fungicidas e eventualmente herbicidas) também são fornecidas pelos técnicos da empresa ou pelos vendedores dos mesmos. Inclusive as instruções recebidas para a manutenção do seringal, forma de extração do látex, armazenamento, etc., foram fornecidas pelos técnicos da usina com a qual é comercializado o produto.

Por outro lado, o grande produtor, não espera pela assistência técnica oficial, efetuando a contratação direta dos serviços de assistência técnica. Este é o caso do seringal de Indiana, em que os sangradores recebem instruções técnicas para a execução da tarefa dos próprios administradores da fazenda, os quais receberam treinamento para os tratos culturais com a *hévea*. O objetivo é obter maior produtividade das árvores e, ao mesmo tempo, maior desempenho por parte dos sangradores (Oliveira, 1999).

Em síntese, o que se conclui com base na diferenciação entre pequenos e grandes produtores, é que enquanto os primeiros estão fadados a permanecerem subordinados, principalmente em relação a indústria à jusante, enquanto os grandes, em virtude de seu maior grau de capitalização, possuem maior poder de barganha, não estando no mesmo

grau que o pequeno produtor, subordinado à indústria processadora²³.

Conforme ficou explícito, a monopolização do território pelo capital vinculado a beneficiadoras de borracha, se dá não só por este ser o único a prestar assistência técnica, mas também por ser o único a comercializar com os agricultores a produção da borracha. Assim, não encontra entraves para expropriar a renda do heveicultor no processo de comercialização do látex, deixando-lhes apenas o necessário à sua reprodução, enquanto força de trabalho à serviço do capital.

Assim, de forma objetiva, a riqueza produzida, mormente pelos pequenos heveicultores, vai ser realizada nas mãos de outras classes sociais. Neste caso, ela será principalmente materializada nas mãos do capital monopolista internacional. Pois, a borracha é entregue a preço baixo porque foi produzida a baixo custo, e por estar sendo depreciada no mercado. Tal fato pode ser associado com o que Oliveira (1986) ressalta à respeito do incremento da taxa de lucro do capital com a depreciação dos produtos alimentícios, os quais inclusive, são também produzidos pelos produtores de borracha. Neste sentido, o autor diz que os produtos alimentícios irão baratear a reprodução da força de trabalho no setor urbano-industrial, possibilitando que os salários da classe trabalhadora sejam reduzidos, permitindo mais uma vez, o incremento da taxa de lucro do capital monopolista.

3.3. O Consórcio da Seringueira com Outras Culturas como Alternativa ao Pequeno Produtor

Apenas dois dos agricultores entrevistados não realizaram o consórcio da seringueira com outras culturas no período em que as árvores ainda não estavam aptas a produzirem²⁴. A explicação para isso reside no fato desses agricultores possuírem propriedade relativamente grande e, portanto, disporem de outras áreas para o cultivo das demais lavouras, ou mesmo possuírem outra fonte de renda.

Fato comum entre os entrevistados, refere-se à adoção da heveicultura inserido-a no meio do cafezal e, em um dos casos, ficando o café consorciado até seis anos com a seringueira. À época, a cafeicultura não se apresentava economicamente viável em virtude do baixo preço, sendo a principal cultura que foi consorciada com a seringueira. A maior parcela, isto é, seis dos nove agricultores entrevistados, adotou o consórcio por quatro anos (Gráfico 3).

²³ Com relação ao setor à montante, deve-se registrar que a dependência é pouco significativa, pois são poucos os insumos que o agricultor necessita para a manutenção do seringal. Além disso, não existe uma linha de crédito destinada a esse setor, portanto não estabelecendo relações com o setor financeiro.

²⁴ A associação da seringueira com outras culturas, segundo a recomendação técnica, pode ser feita durante os quatro primeiros anos, até que a árvore cresça e feche a copa, pois a sombra não permite que haja outro tipo de planta ao redor, a menos que seja própria para as condições, como por exemplo, a pupunha, o que se verifica em algumas propriedades.

Gráfico 3: Agricultores que Realizaram o Consórcio com Outras Culturas



Fonte: Trabalho de Campo (Março de 2001).

Todavia, vale ressaltar que é constante o fato dos heveicultores adotarem a cultura de *hévea* já contando com a renda que será obtida a partir das culturas anuais associadas nos primeiros anos em que ela não está produzindo, como o café, milho, amendoim, feijão, etc., o que é comum principalmente entre os pequenos agricultores, os quais a adotam como forma de obter lucro durante o período em que o seringal não está produzindo. Este recurso ajuda no equilíbrio financeiro, já que os investimentos iniciais são altos e ainda há o problema do retorno ser relativamente demorado.

Neste aspecto, a heveicultura tem sido uma boa opção para os produtores, pois a borracha não é perecível podendo ser estocada e possui demanda industrial no País. Mesmo depois dos quatro anos de idade, o consórcio da seringueira com a fruticultura, pode garantir o equilíbrio financeiro de muitos empreendimentos, desde que a conjuntura econômica não seja desfavorável e os preços sejam condizentes, pois do ponto de vista climático, segundo técnicos do setor, a região é adequada para se cultivar a seringueira.

A *hévea* produz satisfatoriamente em média até os seus 30 anos, idade a partir da qual a árvore começa a reduzir a produção. Depois que a árvore atinge esta idade, não é mais viável para o produtor continuar pagando funcionários e arcando com todos os gastos de um seringal simplesmente para produzir uma quantidade ínfima de borracha. Em virtude disso, muitos produtores da região pretendem utilizar a madeira para fins comerciais, embora não tenham feito nenhum tipo de planejamento, como proteger as árvores do vento enquanto eram novas, para que seus troncos não sejam retorcidos.

Também não foi verificado entre os entrevistados, agricultores que tenham consorciado outras atividades com a heveicultura, como por exemplo, a apicultura (produção de mel no tronco das árvores) ou mesmo a

produção de óleo para ser transformado em verniz a partir das sementes da seringueira, atividade muito comum nos seringais do Sudeste asiático.

3.4. A Comercialização da Borracha Natural

Observou-se que os produtores comercializam sua produção com uma indústria situada no município de Cedral, na Região de São José de Rio Preto. Essa usina beneficiadora compra o produto da maioria dos produtores da região em apreço e paga aos produtores R\$ 0,54 por quilo de borracha, sendo a própria empresa responsável pelo transporte do produto.

Um aspecto interessante observado no processo de comercialização refere-se ao fato da indústria processadora estar localizada a cerca de 267 Km de distância da Região de Presidente Prudente. A empresa busca o coágulo em 26 propriedades com produção bastante reduzida, fazendo uma viagem ao mês para a região. Tal fato deixa evidente que há forte demanda pelo produto e que toda a borracha produzida tem mercado garantido, mesmo estando as indústrias compradoras distantes do local de produção.

Os entrevistados quando questionados a respeito dos principais problemas enfrentados com a indústria processadora, responderam que estes não existem, pois a empresa não faz nenhum tipo de exigência, apenas recomenda que a borracha fique sobre um cavalete de madeira para que não absorva impurezas, o que, no entanto, não onera a produção. Os agricultores apontaram o benefício concedido pela empresa no que se refere ao curso de capacitação para a extração do látex e a assistência técnica, pois, o técnico da empresa visita periodicamente a propriedade, prestando assistência técnica.

Com relação ao preço, os agricultores desconhecem que em parte a usina beneficiadora é responsável pela depreciação do produto na medida em que não considera sua participação integral no produto final vendido as empresas de artefatos. Nesse aspecto, o agricultor é duplamente prejudicado porque perde no que se refere ao valor efetivamente pago pela usina e no repasse do subsídio governamental.

No que toca a esse ponto, é bom ressaltar que os pequenos produtores da região, por não possuírem nenhuma forma de organização, encontram-se enfraquecidos, não dispendo de mecanismos para negociar seu produto com outras empresas que ofereçam preços melhores, já que a sua produção é pequena demais para que uma empresa venha exclusivamente buscá-la, ficando assim à mercê das indústrias processadoras, as quais pagam preços muito baixos pelo produto.

3.5. Tratos Culturais

É notório o fato de que, todos os agricultores entrevistados relataram que a atividade agropecuária não proporciona renda suficiente

para todos os gastos da família e que por isso mantêm algum membro da família trabalhando fora da propriedade, comumente na cidade. Contudo, grande parte deles afirmou que a heveicultura é uma atividade auto-sustentável, proporcionando lucratividade satisfatória.

Com relação a este último aspecto, isto é a posição entre os heveicultores acerca da viabilidade econômica da heveicultura, constatou-se que o cultivo de seringueira só é classificado como um ótimo empreendimento entre os agricultores que desde o início do cultivo cumpriram minimamente com os requisitos necessários para o desenvolvimento da planta, como por exemplo, a substituição das mudas que não se desenvolveram e/ou quebraram com o vento; capina regular do plantio; etc. Estes atualmente vêm obtendo uma boa produtividade e têm uma proporção considerável de plantas produzindo. Diferentemente do que se verifica com alguns agricultores que não puderam atender aos requisitos sugeridos pelos técnicos, ou tiveram pouca instrução técnica, estes não estão tão otimistas com a atividade. Deve-se explicitar, entretanto, que muitas vezes esses requisitos não foram cumpridos porque os agricultores não dispunham de recursos para tal. Assim sendo, conclui-se mais uma vez, que houve negligência por parte do poder público para com os agricultores, mormente para com os pequenos agricultores que mais uma vez ficaram relegados a segundo plano nas políticas governamentais.

Não obstante essa situação, quando questionados a respeito dos benefícios e/ou desvantagens da heveicultura em relação às demais culturas, as respostas foram unânimes, apontado o preço como único ponto negativo. Todavia, apontam a heveicultura como mais importante em termos de geração de renda que as culturas tradicionais, como o feijão, o algodão, o amendoim, etc. Nenhum agricultor pretende abandonar a atividade, sendo que um deles pretende ampliar o seringal.

4. Considerações Finais

A partir dos resultados da presente investigação, o que se pode observar no que concerne às perspectivas para o futuro da heveicultura na região estudada, foi que esta atividade não se apresenta muito promissora pelo fato do governo atrasar demasiadamente o subsídio e não ter uma previsão de reiniciar a assiduidade de seu pagamento. Ademais, a conjuntura negativa no plano internacional, constituindo-se em mais um elemento desfavorável, haja vista que a cotação da borracha natural apresenta tendência baixista. Estes fatores ao culminarem com os preços subestimados pelas empresas consumidoras estão causando prejuízos aos agricultores.

Em resumo, constatou-se que todos esses aspectos vinham causando até o final de 1999, grande desalento entre os produtores. Entretanto, com a desvalorização do Real e o bom desempenho político e

econômico do setor no ano de 2000, houve uma elevação dos preços no mercado nacional o que motivou os heveicultores a continuarem explorando seus seringais.

Para o ano 2001, as perspectivas são de que os heveicultores continuem produzindo, não obstante com margem de lucro inferior a de 2000, já que está ocorrendo no mercado internacional, a queda desenfreada do preço da borracha natural.

Assim sendo, devido ao impacto sofrido com a crise de 1999 e com os rumores da crise que se vislumbra para 2001 no mercado internacional, pode-se afirmar que dificilmente os heveicultores aumentarão sua área de plantio e/ou outros agricultores adotarão a cultura, pelo menos em curto prazo. Por outro lado, a substituição da seringueira por outras culturas, também não deve acontecer, visto que a seringueira tem alto custo de implantação e, além do mais, ela leva de sete a oito anos para ser formada. Além disso, deve-se levar em consideração que os agricultores que adotaram essa cultura, possui outra fonte de renda, seja na propriedade ou fora dela. Sendo assim, caso seja necessário paralisar a produção em virtude da crise internacional que se desenha para o ano 2000, o heveicultor deve continuar obtendo renda nas demais atividades existentes em seu estabelecimento quando não for viável economicamente produzir borracha, como ocorreu até mesmo entre os produtores durante o auge da crise de 1998/99. A heveicultura apresenta a vantagem de poder ser paralisada sem ônus para o produtor em situação de instabilidades.

Pode-se afirmar que a atividade heveícola constitui-se na região, não como a principal fonte de renda da maior parte dos heveicultores, mas como atividade que proporciona renda complementar, com a diversificação produtiva das explorações, possibilitando a inserção no mercado com mais de um produto comercial.

Desse modo, a possibilidade de um efetivo alargamento das fronteiras dessa cultura na região, somente ocorreria em médio prazo, se realmente a cotação do produto se estabilizasse em patamares satisfatórios no mercado internacional e, por conseguinte, no mercado nacional. Tal constatação se justifica por essa atividade não se apresentar viável do ponto de vista econômico, sobretudo a médios e grandes produtores, pelo menos enquanto não forem tomadas medidas que se convertam em resultados satisfatórios. A primeira medida deve ter por finalidade, reestruturar a atual política setorial. A segunda deve estabelecer a cobrança de uma tarifa de importação ao produto importado, visando inibir a ação do oligopsonio das multinacionais do setor pneumático.

No que se refere ao plano regional e municipal, cabe destacar que com a descentralização dos recursos financeiros, somado a descentralização da estrutura de assistência técnica, cabe ao poder público local em consórcio com outras prefeituras e com outras esferas governamentais, a elaboração, implementação e desenvolvimento de programas visando estimular o setor agropecuário.

Outrossim, no caso do setor heveícola, deve-se frisar que tendo em vista a carência no que toca aos recursos financeiros para o investimento e o custeio do seringal, mormente no que se refere à assistência técnica, principalmente entre os pequenos produtores, uma forma que parece plausível para superar esse quadro de incertezas, é a integração desses agentes, identificando interesse ao nível dos produtores, fortalecendo o associativismo. Esta parece ser a alternativa mais viável para que os agricultores da região consigam competir nesse mercado, que a cada dia apresenta-se mais integrado (leia-se globalizado). Não é demais lembrar que, tais medidas devem ser colocadas em prática necessariamente após as mudanças na estrutura da política em nível federal, pois do contrário tais medidas seriam irrelevantes.

Bibliografia

- ARRUDA, Sílvia Toledo. *Análise Econômica da Produção de Borracha no Estado de São Paulo*, Piracicaba, ESALQ/USP, 1986. 114 p. (Dissertação de mestrado).
- CORTEZ, Jayme V. *A evolução da cultura de seringueira no Estado de São Paulo - Brasil*. In: Ciclo de Palestras sobre a heveicultura paulista, 1. 1998, Barretos. Anais... Barretos: SAA e APABOR, 1999. p. 61-92.
- DELGADO, Guilherme da C. *Capital Financeiro e Agricultura no Brasil: 1965-1985*. ICONE/ UNICAMP, 1985.
- HESPANHOL, Rosângela A. M. *Produção familiar: perspectiva de análise e inserção na Microrregião de Presidente Prudente*. Rio Claro: UNESP/IGCE, 2000. 354p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Instituto de Ciências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- MARTIN, Nelson B. *O poder local e o desenvolvimento rural*. In: Revista Informações Econômicas. São Paulo. nº 12, v. 23, 1993. São Paulo: IEA, 1993. p. 27-35.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. U. *Modo capitalista de produção e agricultura*. São Paulo: Ática, 1986. 88p. (Princípios, 68).
- OLIVEIRA, Robson M. *A seringueira no Sudoeste Paulista: O caso do município de Indiana-SP*. Presidente Prudente: UNESP, 1999, p.66 (Relatório de Pesquisa) 1997. 4 v.3.
- SALADO, Sílvia Regina C. *Experiências e desenvolvimento local*. In: São Paulo em Perspectivas, 10 (3) 48 - 52, 1996.
- SÃO PAULO (Estado) Federação da Agricultura do Estado de São Paulo. *Projeto Borracha Natural*. Comissão Técnica de Heveicultura e Cacau Departamento Econômico, 1998, 1999, 2000 e 2001.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Agricultura e Abastecimento. *Levantamento Censitário de Unidade de Produção Agrícola do Estado de São Paulo – LUPA*. São Paulo: SAA/IEA/CATI, 1997.

SILVA, José Graziano. *A Nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: Unicamp, 1996.